



O EVANGELHO DE MARCOS COMO LIVRO DE TESTEMUNHAS: DA TESTEMUNHA OCULAR PARA AS MUITAS TESTEMUNHAS

The Gospel of Mark as a Book of Witnesses: From eyewitness to many witnesses

Sidney Moraes Sanches *

RESUMO: O recente estudo histórico-literário do Evangelho de Marcos valoriza o lugar e função do testemunho e das testemunhas na transmissão das tradições orais e escritas e, conseqüentemente, o lugar e papel da cultura da oralidade nas primeiras congregações seguidoras de Jesus. Richard Bauckham insiste no testemunho ocular do apóstolo Pedro como o filtro preservador e mediador dos acontecimentos na história inteira de Jesus. Minha convicção é que é mais proveitoso, para o estudo do testemunho e das testemunhas no Evangelho de Marcos, considerar as suas muitas testemunhas. Apresento o conceito e o papel do testemunho e da testemunha no Evangelho marciano a partir do exame dos indicativos internos presentes neste. Mostro que a narrativa marciana é construída sobre a performatividade de um sem-número de testemunhas. Sugiro, então, que se leia o Evangelho de Marcos como um Livro de Testemunhas.

PALAVRAS-CHAVE: Testemunho. Testemunha ocular. Oralidade. Crítica das Formas. Jesus de Nazaré.

ABSTRACT: Recent historical-literary study on Mark's Gospel values the place and the function of both testimony and witnesses for the transmission of oral and written traditions and, consequently, the place and the function of orality culture in the first congregations of Jesus' disciples. Richard Bauckham insists on Apostle Peter's eyewitness as a filter for both preservation and mediation of the events of Jesus' life. My conviction is that it's much more profitable, for the Markan study of

* Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (FAJE), Belo Horizonte, MG, Brasil.

testimony and witnesses, to examine carefully the many witnesses present in that Gospel. I show the concept and the function of both testimony and witness in the Markan Gospel by examining their internal evidences in the latter. I demonstrate that Markan narrative is built upon the performance of innumerable witnesses. So I suggest that the Gospel of Mark can be read as a Book of Witnesses.

KEYWORDS: Testimony. Eyewitness. Orality. Form Criticism. Jesus of Nazareth.

Introdução

Em busca das origens dos Evangelhos, a investigação da Crítica das Formas procurava por tradições orais por trás dos textos escritos que indicassem a sua situação vivencial (*Sitz im Leben*) nas congregações cristãs locais. Não se considerava o processo de transmissão oral, o testemunho, nem mesmo os seus portadores, as testemunhas.

Desde a última década do século XX, o exame histórico dos textos do Novo Testamento, particularmente dos Evangelhos sinóticos, passou a valorizar o lugar e papel do testemunho e das testemunhas oculares na transmissão das tradições orais e escritas e, conseqüentemente, o lugar e papel da cultura da oralidade nas primeiras congregações cristãs.

Um passo além foi dado por Richard Bauckham, que insiste nas testemunhas oculares como filtros preservadores e mediadores, não somente dos acontecimentos vivenciados ou observados, mas da história inteira de Jesus. Conforme ele: Se os Evangelhos incorporam o testemunho de testemunhas oculares, então algumas das testemunhas oculares, pelo menos, devem ter sido capazes de testemunhar não somente em relação a episódios particulares ou a ditos específicos de Jesus, mas com respeito a todo o curso da história de Jesus (BAUCKHAM, 2011, p. 151).

Ele emprega, especificamente, o Evangelho de Marcos como exemplo. Neste, a narrativa inteira de Jesus é contada desde a focalização ou ponto-de-vista de Pedro. Este assume um protagonismo testemunhal tanto coletivo, quando representa os discípulos, quanto individual, quando toma a iniciativa.

Bauckham demonstra sua teoria de dois modos. Primeiro, usando o instrumento da Análise da Narrativa. Ele aponta que há uma *inclusio* no texto marcano onde o nome de Simão é citado no início (Mc 1,16) e no final (Mc 16,7). Desse modo: “As duas referências formam uma *inclusio* ao redor de toda a história sugerindo que Pedro é a testemunha cujo testemunho inclui o todo” (BAUCKHAM, 2011, p. 164-165). O personagem chamado pelos nomes de Simão e Pedro é o mais frequentemente mencionado na narrativa: 7 vezes e 19 vezes, respectivamente. À parte o personagem Jesus, Simão Pedro é o outro único personagem apresentado com características

pessoais próprias. No artifício marcano para introduzir os movimentos de Jesus, as ações de Jesus são introduzidas por um verbo no plural, que indica o conjunto dos discípulos, seguido da atividade de Jesus no singular. Esse recurso narrativo mantém os discípulos estreitamente ligados às ações de Jesus. Porém, na maior parte dos relatos, esse coletivo de discípulos é seguido pelo nome de Pedro como alguém que fala por eles, e também a partir de si mesmo. Bauckham deduz, então, que onde se lê *eles*, deve-se ler: *nós*, e onde se lê *nós*, deve-se ler: *eu*, Pedro. Assim:

Essa compreensão da função literária do esquema narrativo do plural-para-o-singular em Marcos torna-o, de fato, o modo de Marcos deliberadamente reproduzir em sua narrativa a perspectiva da primeira pessoa – a perspectiva “nós” – a partir da qual Pedro naturalmente contou suas histórias (BAUCKHAM, 2011, p. 213).

Segundo, recorrendo ao privilégio histórico dado a Pedro na composição do Evangelho de Marcos desde os testemunhos antigos de Papias, Ireneu, Clemente de Alexandria e o Prólogo marcionita. Conforme esses, Pedro e os demais apóstolos, em Jerusalém, constituíram um conjunto de tradições orais e escritas sobre Jesus nazareno. Pedro saiu de Jerusalém e se estabeleceu em Cesareia, onde desenvolveu uma atividade missionária própria formando várias congregações petrinas e, dali, estendendo a sua influência para Antioquia e Corinto e, mais tarde, também Roma. Em todo o tempo, Marcos acompanhou a Pedro e, paulatinamente, compôs uma obra para servir de apoio às igrejas petrinas agrupando tradições orais e escritas que se tornaram posteriormente o Evangelho marcano (ELLIS, 1999, p. 372-376).

Ora, não há porque imaginar que somente o testemunho ocular de Pedro e as tradições orais e escritas da igreja de Jerusalém contariam para a composição da narrativa marcana. É possível conceder que a estrutura narrativa se organize a partir de tal tradição autorizada (At 1:21-22; 2:22-36; 3:13-15; 4:8-12; 5:29-32; 10:36-43). Porém, o relato marcano é uma evidente apropriação de relatos episódicos testemunhados por testemunhas diversas nomeadas e anônimas, sendo Pedro uma delas, que vão formando uma imagem de Jesus nazareno.

Bauckham escolhe a figura de Pedro como o tipo ideal da testemunha ocular e se propôs explicar como seu testemunho está por trás do desenvolvimento da narrativa marcana. Minha convicção é que é mais proveitoso, para o estudo do testemunho no Evangelho de Marcos, considerar as suas muitas testemunhas. Para isso, devemos entender o conceito e o papel da testemunha no Novo Testamento e no Evangelho marcano a partir do exame dos indicativos internos oferecidos em seu texto.

De início, aponto sucintamente o andamento da pesquisa, desde as primeiras elaborações até a obra de Richard Bauckham, atento à sua compreensão de testemunho e testemunha ocular. A seguir, apresento o uso neotestamentário

para os termos “testemunho” e “testemunha”. Concluo que a designação *martys* funciona, especificamente, para denotar o papel oficial de testemunha ocular, autorizada ou oficializada, provido pelo entendimento bauckhamiano. Porém, temos outros dois usos capitais para testemunho e testemunha. Um, aquele que porta a verdade acerca do qual dá testemunho, denominado pela palavra *martyria*. Outro, aquele que, no período entre Jesus e as primeiras tradições orais e escritas acerca dele, deram seus testemunhos que, reunidos, construíram uma memória popular, não oficial nem autorizada, de Jesus nazareno. Esta migrou para dentro do Evangelho de Marcos. Em sequência, analiso a função retórica judicial do testemunho e da testemunha no Evangelho de Marcos, em uma situação de conflito, onde as ações de Jesus e seus seguidores servem de testemunha para a condenação dos adversários impenitentes. Por fim, examino o Evangelho de Marcos como um Livro de Testemunhas, mostrando que a narrativa marcana inclui, ainda, o testemunho de um sem-número de testemunhas, cuja contribuição ainda não foi examinada até o momento, e forneço os meios para essa investigação.

1 Primeiras elaborações e o desenvolvimento de Richard Bauckham

A ideia de que os textos literários, que conhecemos como Evangelhos, evoluíram a partir do intercâmbio entre tradições orais e escritas, mediadas por testemunhas oculares, até tomar forma fixa em textos escritos nas congregações pós-apostólicas, tem uma recente história.

1.1 Primeiras elaborações

Vincent Taylor, em 1935, chama a atenção para o fato de que os Atos dos Apóstolos mencionam 120 testemunhas oculares que estariam nas origens e nos detalhes sobre a vida de Jesus de Nazaré (HEAD, 2001). O ponto nevrálgico é: como as tradições orais e escritas transmitidas por testemunhas, características de um período pré-pascal, conviveram e foram incorporadas na tradição apostólica controlada do período pós-pascal?

Alguns têm se ocupado em dar uma resposta usando modelos de transmissão do período judaico neotestamentário. Birger Gerhardsson (1961) sugeriu o modelo de transmissão rabínica farisaica. Nele, mestres e apóstolos cristãos funcionaram como guardiães e transmissores das tradições orais e escritas para outros discípulos e seguidores. Estes viriam a ser as lideranças constituídas e consultadas posteriormente. Rainer Riesner (1988) ambientou a transmissão na atividade profética e na autoridade messiânica de Jesus nazareno. Ele mesmo teria formado as tradições orais e escritas que depois seriam veiculadas por seus seguidores. Kenneth Bailey (1995)

completou o quadro dizendo que as tradições orais e escritas disseminadas pelos discípulos foram recolhidas por congregações cristãs que se tornaram guardiãs fiéis e controladoras da sua transmissão doravante.

O desenvolvimento posterior dessas noções se encontra nas pesquisas do professor sueco da Universidade Lund, Samuel Byrskog. Em sua primeira obra a tratar do tema (1994), ele construiu a hipótese de que, nas origens do Evangelho de Mateus, houve uma escola para preservar cuidadosamente e controladamente o ensino de Jesus, sua vida e obra, à parte da vida das congregações cristãs. O nome Mateus seria uma homenagem ao seu principal mestre.

Em seu segundo livro sobre o assunto (2002), Byrskog estendeu o exame para o Evangelho de Marcos. O sermão de Pedro em At 10:34-43 foi um esboço do *kerygma* petrino incorporado pelo Evangelho marcano como sua estrutura. Marcos também reuniu uma série de relatos petrinos (*chreiai*: 1:21-39; 8:27-9:29; 14:32-42.54.66-72) em partes significativas do seu Evangelho. Head cita a seguinte declaração final de Byrskog:

Enquanto a influência petrina por trás da narrativa marcana é provável, em meu modo de ver, o evangelista, de acordo com a antiga prática, incorporou a história oral de Pedro em sua estória por meio de um sutil intercâmbio entre testemunha ocular e outro material tradicional acessível a ele, por um lado, e sua perspectiva interpretativa seletiva e pessoal, por outro lado, no fim então narrando sua própria existência ao apresentar a história como estória (HEAD, 2001, p. 292).

1.2 O desenvolvimento de Richard Bauckham

Richard Bauckham foi professor de Estudos do Novo Testamento na Universidade Saint Andrews, Escócia, até 2007, aposentando-se depois. Sua obra foi publicada em 2006 e tem sido recebida pela crítica acadêmica neo-testamentária, e mesmo fora dela, de modos diversos desde então. As resenhas e recensões somente cresceram na última década, chamando a atenção de muitos *scholars* tanto no continente europeu, quanto no americano e nos demais.

Seu ponto principal está no fato de extrair a fidedignidade histórica da vida de Jesus diretamente das evidências internas dos Evangelhos fornecidas por testemunhas oculares particularmente nomeadas. Ele se apoia nos estudos historiográficos antigos e contemporâneos da Tradição oral e, também, nas investigações sobre a memória efetuados pela Psicologia Cognitiva e os resultados da pesquisa recente sobre o testemunho na Epistemologia filosófica.

Ele rejeita os resultados estabelecidos pela Crítica das Formas (*Formgeschichte*), que explica as origens do Evangelho em uma ou mais tradições orais

e escritas acumuladas e mantidas por congregações cristãs na Palestina e, talvez, algumas estabelecidas no mundo mediterrâneo nas primeiras décadas do século I. A Crítica das Formas despreza o relato das testemunhas oculares, ou de segunda e terceira mão, e se sustenta nos textos já fixados, interpretando-os a partir do seu *Sitz im Leben*.

Destarte, o que Bauckham quer é recuperar o lugar e papel da testemunha ocular, a guardiã e transmissora das tradições orais e escritas, que preservou o conhecimento de Jesus nazareno conforme narrado no texto dos evangelhos. Entende ele que:

... o período entre o Jesus “histórico” e os Evangelhos foi, de fato, coberto não por transmissão anônima de comunidade, mas pela presença e testemunho constantes das testemunhas oculares, que permaneceram fontes autorizadas de suas tradições até a morte, então os modos comuns de pensar a tradição oral não são absolutamente adequados. As tradições evangélicas, em sua maior parte, não circularam anonimamente, mas em nome das testemunhas oculares às quais eram devidas. Ao longo de toda a vida das testemunhas oculares, os cristãos permaneceram interessados em e conscientes dos modos pelos quais as próprias testemunhas oculares narravam suas histórias (BAUCKHAM, 2011, p. 22).

O que é uma testemunha ocular para Bauckham? Ele busca por essa figura entre os historiadores da Antiguidade greco-romana praticantes de um tipo de História Oral cuja fonte era “uma testemunha ocular ideal [que] não era o observador impassível, mas alguém que, como participante, estivera o mais perto possível dos eventos e cuja experiência direta capacitava-o a compreender e interpretar o significado do que ele vira” (BAUCKHAM, 2011, p. 23). Se tal era verdadeiro para a antiga historiografia, também o seria para os Evangelhos, pois seus autores teriam vivido no mesmo horizonte historiográfico. As histórias reais de Jesus foram veiculadas por testemunhas oculares que permaneceram “uma presença influente nas comunidades, pessoas que podiam ser consultadas, que contavam suas histórias e cujos relatos orais jazem não muito distante da forma textual que os Evangelhos lhes concederam” (BAUCKHAM, 2011, p. 25).

2 Testemunho e testemunha no Novo Testamento

O Novo Testamento dá-nos dois usos distintos para a palavra *testemunha*. Uma é a testemunha enquanto aquela que desempenha o papel de proclamador autoritativo do perdão dos pecados pela fé em Jesus de Nazaré, designada no uso da palavra *martys*. Tais eram Pedro e os Onze, mais Paulo. Eles foram escolhidos por Deus para ver a Jesus ressurreto e incorporaram a si mesmos uma autoridade inigualável e insuperável nas primeiras congregações cristãs. Outra é a testemunha que porta a verdade acerca da qual dá testemunho, denominada pela palavra *martyria*. Seu

testemunho era devidamente avaliado e julgado de modo a alcançar a verdade sobre Jesus de Nazaré.

Porém, Bauckham julga que “testemunhas oculares de tradições particulares dos Evangelhos são indicadas por *nomes*” (BAUCKHAM, 2011, p. 259). Pessoas anônimas não tiveram papel relevante como testemunhas oculares. A única exceção é para os episódios da paixão de Jesus nazareno relatados no capítulo 14 do Evangelho de Marcos. Nele, não há menção de testemunhas pelo nome, e os discípulos estariam ausentes na maioria das circunstâncias. Contudo, elas não eram desconhecidas, apenas não nomeadas. Ele explica que esse anonimato foi mantido por questões de segurança pessoal por ocasião da escritura do Evangelho. São elas: os apoiadores de Jesus em Jerusalém (11:1-7; 14:12-16); a mulher que ungiu a Jesus (14:3-9); o jovem nu (14:51). Este poderia ter sido a testemunha ocular para os eventos do Getsêmane.

Ao restringir o testemunho unicamente a testemunhas oculares cuja identidade pode ser nominalmente obtida porque ligadas a eventos principais do Evangelho, Bauckham deixa de lado uma quantidade enorme de testemunhas. Elas foram, ao menos episodicamente, observadoras, senão elas mesmas, em sua maioria, participantes das palavras (ouviram) e das obras (foram afetadas) de Jesus de Nazaré. São pessoas potencialmente indicadas como portadoras de um testemunho (*martyriai*) dele. É certo que elas têm um papel crucial, tanto no desenvolvimento da narrativa evangélica quanto na perspectiva jesuânica do Evangelho. São exatamente essas testemunhas que podem oferecer uma potencial versão testemunhal diferenciada daquela consolidada oficialmente.

A postura bauckhamiana, na verdade, preserva o paradigma da tradição escrita apoiada em uma tradição oral oficializada por uma testemunha ocular autoritativa. Esta o impede de dar voz e reconhecimento a outras testemunhas e ao papel das congregações cristãs como guardiãs e transmissoras das tradições orais e escritas. Como toda a escola neotestamentária ocidental, ele não escapou da armadilha do paradigma do texto literário enunciado por James Dunn.

Conforme Dunn, os estudos literários do Novo Testamento têm uma enorme dificuldade em lidar com os estudos da oralidade e, em nosso caso particular, da testemunha e do testemunho, porque estão dirigidos para e pelo texto literário. Ele chama essa tendência de configuração-padrão: “uma imagem apropriada que nos ajuda a lembrar as nossas preferências predefinidas, a perspectiva (atitude, mentalidade) pela qual, de modo inconsciente, instintivo, processamos e formatamos as informações”. Precisamos “constantemente resistir quando queremos criar algo diferente, a opção que precisamos mudar ou alterar conscientemente” (DUNN, 2013, p. 99).

Dunn chama essa configuração-padrão, dentro da qual operam os estudos das origens dos Evangelhos sinóticos, de paradigma literário. Conforme ele:

... não estamos em condições apropriadas para avaliar como opera uma cultura não literária, uma cultura oral. E se queremos inserir-nos empaticamente em uma cultura oral, é essencial tomar consciência do nosso paradigma literário e fazer esforços deliberados para sair dele e livrar-nos de suas predisposições herdadas (DUNN, 2013, p. 99).

Dunn não nega o papel apostólico, pois afirma: “não deveríamos esquecer do papel contínuo das testemunhas oculares formadoras de tradição, daqueles que foram reconhecidos, desde o princípio, como apóstolos ou portadores autorizados (*tradents*) da tradição de Jesus” (DUNN, 2003, p. 243). Porém, com ele insistimos enfaticamente que, no período entre Jesus e as primeiras transcrições do Evangelho de Marcos, coletividades inteiras e indivíduos cristãos transmitiram frequentemente sua experiência vivida com ele. Esses testemunhos reunidos construíram uma memória popular, não oficial nem autorizada de Jesus nazareno, que migrou para dentro do Evangelho de Marcos.

3 Testemunho e testemunha no Evangelho de Marcos

Não se pode ignorar que, no Evangelho marcano, o testemunho sobre Jesus de Nazaré é testado em um contexto no qual as congregações e indivíduos cristãos são chamados a servir de testemunhas em defesa de sua confissão de Jesus nazareno como o Messias Filho de Deus, e a apresentar as evidências para esse testemunho. Estamos na atmosfera da Retórica judicial.

3.1 O gênero retórico judicial

Klaus Berger, ao estudar a retórica dos textos evangélicos, afirma que eles foram escritos de modo a se tornarem de novo orais: “*textos* já escritos se tornam novamente orais. O texto escrito, então, está no *background*, mas não como fonte; torna-se novamente tradição oral” (BERGER, 1998, p. 19). O texto fixado preserva o traço da oralidade da qual surgiu, bem como sua força comunicativa perante o ouvinte e leitor. A partir dele, reimaginamos a condição original de testemunho e, simultaneamente, recuperamos as circunstâncias judiciais que requereram a sua apresentação. Essa atmosfera judicial para o testemunho é perceptível na retórica judicial presente no texto marcano.

As três espécies do gênero retórico foram classificadas por Aristóteles, e são: simulêutico, epidítico e judicial ou forense (2005, 1358b). Eles são compatíveis com a posição do ouvinte em relação ao discurso. Ele pode ser espectador ou juiz. Se é juiz, o é do passado ou do futuro. Se o discurso

tem a ver com o futuro, trata-se de deliberar algo, e o ouvinte é parte da assembleia. Se o discurso diz respeito ao passado, trata-se de julgar o ocorrido, e o ouvinte é o juiz. Temos, então, dois ambientes retóricos: a assembleia e o fórum. No processo judicial cabem acusação e defesa, visando à avaliação do que é verdadeiro e justo. Temos, então, a retórica judicial, ou dicânica, ou forense.

Nesta, é vital a apresentação de provas não técnicas, e uma delas é a testemunha. A testemunha é de dois tipos: a antiga e a recente. A antiga fala desde o passado, e a recente diz alguma coisa sobre o fato presente em questão. Um testemunho sempre é útil, pois pode formar um quadro favorável ou desfavorável, e dispor ou indispor o juízo a respeito dos envolvidos no acontecimento.

Conforme Berger, fazem parte da retórica judicial neotestamentária os textos apologéticos. Eles são produzidos de dentro de uma atmosfera jurídica na qual quem fala o faz justificando sua ação, seja para defesa, seja para acusação, ou para ambas. Especificamente:

Há sobretudo uma série de elementos realmente judiciais, que caracterizam esses textos como apologético-dicânicos: resposta a censuras, o uso de termos como “testemunhas”, “testemunho”, “testemunhar”, o apelar a testemunhas, “julgar”, “apologia”, respostas em forma de perguntas críticas, declarações de inocência (BERGER, 1998, p. 102-103).

Enquanto textos judiciais, os textos apologéticos usam o relato de um acontecimento ou de uma parábola como testemunho, de modo a responder a uma acusação e justificar uma ação. Temos como exemplo: Lc 7:1-10, onde a fé do centurião é testemunho para a missão aos gentios; Lc 19:1-10, onde a conversão de Zaqueu é testemunho para a pregação de Jesus aos perdidos. Eles portam um testemunho, ou são para testemunho, da ação de Jesus, dos discípulos e da missão por eles desempenhada.

Também são textos judiciais os relatos sobre testemunhas e de nomeação de testemunhas, comumente em conexão direta com a atividade de testemunhar no tribunal (Mc 14:55-63). Nessas circunstâncias, há dois tipos de testemunhas. Há testemunhas como observadoras dos fatos acontecidos (Mc 15:40.47), e há testemunhas que atuaram enquanto tais em alguma parte dos acontecimentos (Mc 14:57). Nestes, a testemunha fala na primeira pessoa do singular, e descreve sua experiência seja usando a palavra “testemunhar”, seja dizendo o que viu ou ouviu, como Estêvão (At 7:56) e Paulo (At 26:12-20).

Sendo assim, os textos apologéticos e os relatos sobre testemunhas estão vinculados a circunstâncias históricas específicas das congregações cristãs. Elas recuperam personagens e tradições importantes do passado, no intuito de orientar e justificar a ação na ocasião histórica presente. Isso

é evidente no uso joanino, e manifesto no Evangelho marcano. Veremos aquele brevemente, para depois nos dedicarmos ao seguinte.

3.2 *Evangelho de João e o gênero retórico judicial*

O Evangelho de João acolhe o testemunho de quem vivenciou o fato do qual é testemunha, como no caso da mulher samaritana (*dia ton logon tēs gynaikos martyrousēs*, 4:39). Porém, temos um uso diferenciado da testemunha como evidência, ou prova, para uma declaração que assegura a veracidade e pede confiança, ou fé, ao testemunho dado. Um exemplo é quando Jesus pede que se confie na sua declaração de que conhece o Pai, e dá como evidência, ou testemunha, aquilo que viu e ouviu na presença dele (*ho heōraken kai ēkousen touto martyrei, kai tēn martyrion autou oudeis lambánei*, 3:32). Outro exemplo são as obras que Jesus faz, que são testemunhas de que ele foi enviado pelo Pai (*hauta ta erga ha poio, martyrei peri emou hoti ho pater me apestalken*, 5:36). No capítulo 10 há uma clássica situação de conflito perante o questionamento dos judeus sobre Jesus ser ou não o Messias (22-24), que faz Jesus retomar o tema das obras como testemunhas, acerca dele, de que veio do Pai (*ta erga ha ego poio em to onomati tou patros mou tauta martyrei peri emou*, 25). Ele espera que as obras persuadam os judeus a crerem nele, mas sabe que isso é impossível (26-29). Ao declarar que fazer as obras do Pai o torna um com ele, provoca a ira dos judeus, que mostram estar prestes a apedrejá-lo por blasfêmia (30, 31). De novo Jesus insiste nas obras que faz, chamando-as boas (32, 33). Perante a resistência judaica, Jesus insiste que creiam nas obras que faz como sendo obra do Pai, não dele, de modo que, crendo no Pai, também creiam nele (37, 38). Ao mesmo tempo em que as obras são usadas como testemunhas por Jesus em sua defesa, também servem para acusar a incredulidade dos adversários.

3.3 *Evangelho de Marcos e o gênero retórico judicial*

No Evangelho marcano, a retórica do testemunho é judicial ou forense, e a testemunha serve de evidência ou prova do testemunho dado. Um exemplo é a cura do leproso em Mc 1:40-45. O leproso se aproxima de Jesus, ajoelha-se e roga que ele o purifique. Jesus se compadece, toca o leproso enquanto lhe fala, e ele é limpo da lepra. Logo depois, Jesus fica muito perturbado com ele, faz-lhe uma dura advertência e o manda embora dizendo que não converse (*eipes*) com ninguém sobre o acontecido. Ele deve ir direto ao sacerdote com a oferenda apropriada à cura da lepra, de acordo com a ordenança de Moisés, para testemunho a eles (*eis martyrion autois*, 44). Ficamos sem saber se “eles” se refere ao sacerdote; algo duvidoso, pois o pronome pessoal da terceira pessoa está no dativo plural (*autois* = eles). Ou se se refere ao povo, como prefere a versão do texto feita pela Sociedade Bíblica do Brasil: “para servir de testemunho

ao povo” (ARA). De todo modo, a oferenda testemunha a cura do leproso, ao mesmo tempo em que dá um testemunho sobre a identidade de Jesus nazareno perante supostos adversários ou questionadores de sua missão, fossem os sacerdotes, fosse o povo. Contraditoriamente, o relato marcano omite o cumprimento da ordem pelo ex-leproso. Ao contrário, conta que ele começou a anunciar (*keryssein*) muito abertamente, e a espalhar (*diafemizein*) a palavra. Após o testemunho privado da oferenda feita perante os sacerdotes, o relato marcano desvia a ação do ex-leproso para o testemunho público, tornando notória a identidade de Jesus nazareno, fazendo com que o povo confie nele e o procure em toda a parte.

Outro exemplo temos na passagem de Mc 6:7-11, que trata da missão dos Doze. Jesus reuniu os doze e os enviou dois a dois (v. 7), instruiu sobre o que levar na viagem e o que vestir (vv. 8, 9), e como agir quando chegassem a algum lugar (v. 10). Se fossem bem recebidos deveriam permanecer ali, caso contrário, deveriam sair do lugar e, ao sair, “sacudi o pó dos pés, em testemunho contra eles” (*ektinaxate ton choun ton hypokatō tōn podōn hymōn eis martyrion autois*, Mc 6:11). O gesto dos discípulos imitava a atitude de um judeu quando voltava para casa após pisar em solo pagão: batia as sandálias para que caísse o pó da terra pagã. Assim, a ação dos discípulos era uma testemunha da fidelidade dos discípulos no cumprimento da responsabilidade dada por Jesus, da recusa dos impenitentes de fazer parte do povo de Deus, e da proximidade do juízo divino para a condenação dos impenitentes (TRITES, 1968, p. 19).

O exemplo final temos na passagem de Mc 13:1-13 no contexto do sermão escatológico de Jesus. Perante a declaração de Jesus sobre a destruição do templo de Jerusalém (v. 2), Pedro, Tiago, João e André pedem um relato indicativo de quando isso iria acontecer (vv. 3, 4). Jesus começa com a descrição de falsos Messias, de guerras, e de terremotos e fomes, período que ele nomeia *princípio das dores* (vv. 5-8). Nesse tempo, os discípulos serão denunciados em tribunais e sinagogas, serão açoitados e levados à presença de governadores e reis, e Jesus acrescenta: “por minha causa, para lhes servir de testemunho” (*heneken emou eis martyrion autois*, Mc 6:9). Semelhante à missão dos Doze no exemplo anterior, a rejeição, os sofrimentos, inclusive o ódio aberto contra os discípulos nos tribunais e sinagogas, servirá de testemunha da fidelidade dos discípulos a Jesus nazareno ao preço até da própria vida, da veracidade e credibilidade do Evangelho sustentadas pelo sofrimento dos discípulos, e da condenação no juízo final para os que permaneceram resistentes ao Evangelho (TRITES, 1968, p. 20).

Com efeito, o uso do testemunho no Evangelho de Marcos requer uma atmosfera conflituosa já existente nos dias de Jesus nazareno, na sua própria missão e na missão dos Doze discípulos, e também na dos seguidores anônimos. A conflituosidade aumentará até os tempos em que o Filho do Homem voltará para cumprir o juízo final sobre os que resistiram ao anúncio

do Evangelho. Nesse juízo, que já está antecipado na vida de Jesus e seus discípulos, serão convocadas as testemunhas, que servirão de testemunho contra os adversários e os impenitentes, de modo que, indesculpáveis, serão definitivamente culpabilizados pela rejeição a Jesus, o Messias.

Para ampliar nosso exame, vamos nos aproximar um pouco mais da locução preposicional: *eis martyrion autois*. Temos aqui uma preposição, *eis*, usada com um substantivo no acusativo, *martyrion*, seguida de um pronome pessoal no dativo, *autois*. Em geral, esse tipo de locução preposicional iniciada pela preposição *eis* indica “a direção, o local, etc. para onde o movimento ocorre; a razão para a qual ou pela qual ocorre; a extensão de tempo e espaço onde ocorre e a medida visada ou ultrapassada por uma determinada ação” (LASOR, 1986, p. 75). A locução deve ser traduzida como *para* (no sentido de motivo ou razão) *martyrion autois*. Sendo que a razão ou motivo é a oferenda do ex-leproso e, depois, o seu anúncio público; o ato de sacudir o pó das sandálias pelos Doze; o anúncio do Evangelho acompanhado dos sofrimentos e julgamentos pelos discípulos antes do fim.

O dativo no qual está declinado o pronome pessoal *autois* é usado para modificar o verbo ou o substantivo antecedente. Sua função sintática principal é servir de objeto indireto, no qual ele aponta a pessoa ou objeto indiretamente afetado pela ação do verbo “ao indicar para quem ou por quem a pregação ocorre; através de quem ou com quem ela ocorre; o tempo ou lugar onde ocorre” (LASOR, 1986, p. 69). Portanto, deveria ser traduzido para a língua portuguesa com o auxílio do termo *para*, antes da enunciação da pessoa ou objeto a que refere a ação verbal: *para eles*.

Ocorre que, como modificador do substantivo, o dativo é usado na medida em que o substantivo acompanha a forma verbal que exige igualmente o dativo. No nosso caso, *martyrion* é a forma substantivada da forma verbal: *martyreō*. Nesse caso, o dativo pode ser usado em três funções sintáticas: objeto indireto, instrumental ou locativo. Temos, ainda, o dativo de vantagem e de desvantagem, com o qual se indica a pessoa ou coisa que é alvo da vantagem ou desvantagem da forma verbal. No primeiro caso, ele indica a pessoa em cujo interesse o substantivo é favoravelmente usado. Em nossa fórmula, traduzimos por: *como motivo ou razão de testemunho no interesse ou em vantagem deles*. No segundo caso, ele indica a pessoa em cujo interesse o substantivo é desfavoravelmente usado. Em nosso exemplo, traduzimos por: *como motivo ou razão de testemunho contra o interesse ou em desvantagem deles* (LASOR, 1986, p. 97-98; TRITES, 2004, p. 68-71).

4 Evangelho de Marcos como Livro de Testemunhas

É certo que a evolução da narrativa marcana acontece por meio do testemunho de um sem-número de testemunhas, que levam a fama de Jesus a

todo lugar, sem o qual a própria existência e significado de Jesus de Nazaré não faria o menor sentido. Portanto, precisamos verificar se o Evangelho marcano não inclui mais testemunhas (*martyriai*), em um sentido ainda não examinado até o momento.

4.1 As muitas testemunhas

O próprio Bauckham alista três conjuntos de testemunhas que são mencionadas no Evangelho de Marcos, entre anônimas, anônimas ligadas a algum nome, e outras cujo nome é citado. São elas:

Pessoas anônimas: endemoninhado (1:23); leproso (1:40); paraplético e quatro amigos (2:3); homem com a mão atrofiada (3:1); endemoninhado (5:2); hemorroíssa (5:25); siro-fenícia e filha (7:25); surdo-mudo (7:32); cego (8:22); homem com filho epilético (9:17); homem rico (10:17); dois discípulos (11:1); escriba (12:38); viúva pobre (12:42); mulher que unge Jesus (14:3); dois discípulos (14:13); dono da casa e homem com bilha de água (14:14); homem que puxa a espada e o servo do sumo sacerdote (14:47); jovem que foge nu (14:51); sumo sacerdote (14:54); criada (14:66); dois ladrões (15:27); centurião (15:39).

Pessoas anônimas ligadas a pessoas com nome: sogra de Pedro (1:30); filha de Jairo (5:23); irmãs de Jesus (6:3); filha de Herodíades (6:22).

Pessoas com nome: João Batista (1:4); Jesus (1:9) Simão (Pedro) e André (1:16); Tiago e João (1:19); Zebedeu (1:20); Levi, filho de Alfeu (2:14); Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, filho de Alfeu, Tadeu, Simão, o cananeu (3:18); Judas Iscariotes (3:19); Jairo (5:22); Maria, Tiago, José, Judas, Simão (6:3); Herodes (6:14); Herodíades (6:17); Filipe (herodiano) (6:22); Bartimeu (10:46); Pilatos (15:1); Barrabás (15:7); Simão de Cirene, pai de Alexandre e de Rufo (15:21); Maria Madalena, Maria, mãe de Tiago e de José, Salomé (15:40); José de Arimateia (15:43) (BAUCKHAM, 2011, p. 82-84).

No entanto, ele optou por limitar sua investigação à testemunha ocular por trás do Evangelho de Marcos, que é Pedro. Desde o início da narrativa, Pedro aparece junto e como um dos demais discípulos. O narrador insiste em chamá-lo pelo nome original de Simão (1:16, 29, 36). Ele somente será citado nominalmente outra vez na ocasião da escolha dos Doze onde Simão, que Jesus “acrescentou o nome de Pedro”, aparece em primeiro lugar na lista (3:16). De novo, Pedro desaparece dos relatos no conjunto dos discípulos, e volta a ser mencionado junto com Tiago e João na casa de Jairo (5:37).

Realmente, há uma proeminência petrina no texto marcano a partir da segunda metade do Evangelho: após a confissão messiânica (8:29, 32, 33); na transfiguração no monte (9:2, 5 junto com Tiago e João); na contestação das riquezas (10:28); na observação da figueira seca (11:21); na audição do sermão escatológico (13:3, junto com Tiago, João e André); nos episódios da paixão (14:29, 33, 37, 54, 66–72); e quando o anjo diz às mulheres que anunciem aos discípulos e a Pedro a ressurreição de Jesus (16:7).

Ora, são inúmeras as vezes em que Marcos diz que a fama de Jesus nazareno se espalhava graças às testemunhas de sua pregação e milagres (1:28; 45; 2:12; 5:18-20; 7:36, 37; 8:27, 28; 9:38-40). A fama era consequência da sua iniciativa em dirigir-se propositalmente até as pessoas a fim de evangelizá-las anunciando a chegada do Reinado de Deus (1:14, 15). Esse era o entendimento que possuía de sua missão ou propósito na vida (1:38, 39). As pessoas respondiam positivamente ao empenho com que ele fazia isso: coletivamente (1:32, 33, 37; 2:1, 2, 13; 3:7-12, 20; 4:1; 5:21; 6:34; 6:53-56; 9:14, 15; 10:1; 11:8-10), e individualmente (1:40; 2:3; 3:1; 5:2, 22, 27, 7:24, 32; 8:22; 9:17; 10:17, 46). Também explica a razão da reação de seus adversários (3:6, 21, 22; 11:18; 12:12, 37; 14:1, 2).

A origem dessas testemunhas era o território da Galileia, espaço humano para a movimentação de Jesus (1:9, 14, 39; 7:30; 15:41). Mas, também, as cercanias da Galileia (1:28). Assim como as multidões que o seguiam eram residentes na Galileia e imediações: “Judeia, Jerusalém, Idumeia, além do Jordão e dos arredores de Tiro e de Sidon” (3:8). Sendo que Tiro e Sidon é outro espaço privilegiado por Jesus de Nazaré para suas andanças (7:24, 31). Os deslocamentos de Jesus e, anteriormente, de João Batista, alertaram as autoridades políticas que governavam a região (6:14-29). Jesus foi para Jerusalém, todavia, após a ressurreição, ele retornou para a Galileia, e seus discípulos se reuniram com ele na mesma região onde tudo começou, para dar início a congregações de seguidores do Nazareno galileu (14:28; 16:7).

4.2 O caráter memorável e performável do texto marciano

Um modo de adentrar ao complexo de testemunhas do Evangelho marciano é observando as suas peculiaridades orais de memorabilidade e de performatividade.

Em década recente, Richard Horsley tem orientado sua pesquisa para os aspectos orais e escritos que estão nas origens do Evangelho de Marcos (2010). Segundo ele, o Evangelho é literatura popular, que conta a história de um líder igualmente popular, que defendeu os interesses dos aldeões (*villagers*) e da gente comum (*ordinary people*) em oposição à elite cultural e política, tanto regional – os Herodes, na Galileia – como local – as autoridades judaica e romana – em Jerusalém. Sua redação não atendia aos padrões da alta cultura greco-romana, e nem da ideologia historiográfica helenística.

No período em que Marcos transcreveu os testemunhos registrados em seu Evangelho, e mesmo anteriormente a ele, predominava o baixo nível de letramento e alfabetização da população sírio-galileia. Os textos eram usados em circunstâncias absolutamente necessárias: a justiça, os negócios, a política, a religião, a correspondência pública e privada. Mesmo no ambiente das escolas dos escribas e rabínicas, onde a Torá era estudada, predominava a oralidade através de memorização e repetição. Em toda a

região e além preponderava a oralidade como meio privilegiado de contato e transmissão de ideias.

Esses aspectos trazem consigo dois componentes para o texto marcano. O primeiro é que ele foi popular entre pessoas pouco letradas e não-alfabetizadas, ou semi-alfabetizadas, que manuseavam uma pequena tradição judeiana (*judean*) oral com fortes raízes nas histórias de Moisés, Elias e Davi. O segundo é que essas pessoas viviam uma vida arraigada no campo, com a presença de pequenos vilarejos e aldeias, e umas poucas cidades. Ambos os componentes fizeram do Evangelho marcano “memorável e performável nas primeiras gerações que o usaram” (HORSLEY, 2010, p 107).

A frase inglesa usada por Horsley é: “have made the Gospel of Mark a most memorable and performable text in the first several generations of its use”. Essas duas palavras: *memorable* e *performable*, precisam de algum esclarecimento para tornar mais relevantes as suas consequências para o Evangelho marcano.

4.2.1 Memorável

Traduzo “memorable” por *memorável*. Seu sentido, em Inglês e Português, procede do Latim e refere algo digno de ser lembrado, por isso mesmo, notável ou celebrável. Para isso, o trabalho de transmissão da memória é fundamental. Ela é feita pelo testemunho de uma testemunha que guarda a reminiscência de algo frequentemente trazido para o presente. Quem faz a transcrição e registro é chamado memorialista, e seu texto está mais próximo do registro biográfico do que histórico. O chamado à lembrança não tem outro propósito senão preservar ou reviver a memória, permitindo a celebração ou comemoração. O testemunho da memória torna-se monumento.

Ora, o Evangelho de Marcos é memorável porque ele cumpre a função retentiva da memória em uma cultura oral, efetuando a transcrição e o registro do que era recordado pelas pessoas de quem foi Jesus e do que ele fez. A sua finalidade era preservar e perpetuar essas lembranças, manter a memória viva, não deixando que as experiências caíssem no esquecimento. O trabalho de Marcos é de um memorialista, e seu texto se aproxima da biografia pessoal. Através do seu texto, ele dá voz e meios para que seus seguidores celebrem a memória de Jesus de Nazaré. É o modo de mantê-lo vivo e próximo de seus seguidores, e de outros que viessem a crer juntamente com eles.

4.2.2 Performável

A palavra *performável* (“performable”) inexistente em Português, sendo importada para nosso vocabulário mediante um anglicismo: *performance*. O

verbo *to perform* é de amplo uso na língua inglesa, no sentido de executar o processo estabelecido para a construção ou realização da *performance*. Ela é feita diante de um público ou audiência, necessariamente, de forma oral. É uma palavra comumente usada para a execução de apresentações cênicas: peça de teatro, de ópera; de apresentações musicais, como orquestra ou *show*; de exposições artísticas, como as de arte contemporânea.

A palavra usada por Horsley, “performable”, é um adjetivo que denota a qualidade intrínseca de uma obra capaz de ser *performada* ou *performativa*. Ela foi composta para ser executada conforme esse critério e para esse fim. Nesse caso, como proposta, a obra cumpre o papel epistêmico de apontar para algo pela realização do processo que o traz à existência. Por exemplo, uma partitura musical diz que tipo de composição se trata antes mesmo da sua execução. No entanto, ela requer a execução/*performance*, para que a experiência musical seja realizada. Para isso, requer-se tanto a capacidade do texto quanto a habilidade de quem executa os procedimentos performáticos para o seu acontecimento. Antes de ser texto, ela está atuando no mundo para gerar o conhecimento que está presente na obra. A obra é reprodução da ação, e a *performance* é a repetição dessa ação por meio da reprodução da obra.

Podemos atribuir a mesma qualidade performativa ao texto marcano a partir do estudo efetuado por John L. Austin (1990). Uma sentença, proferimento ou uma obra pode ser descritiva, constatativa, afirmativa quanto ao falso e verdadeiro. Mas, ela também pode ser *performativa*. Como um ato performático ilocucionário, uma das suas condições de existência é:

Dizer algo frequentemente, ou até normalmente, que produzirá certos efeitos ou consequências sobre os sentimentos, pensamentos, ou ações dos ouvintes, ou de quem está falando, ou de outras pessoas. E isso pode ser feito com o propósito, intenção ou objetivo de produzir tais efeitos. [...] Chamaremos a realização de um ato desse tipo de realização de um ato perlocucionário ou perlocução (AUSTIN, 1990, p. 89, 90).

Tal é o proferimento de um testemunho enquanto testemunha, isto é, oferta de evidência acerca de algo ou alguém. Assim age quem dá esse testemunho, isto é, a testemunha que faz a declaração da evidência. Destarte o Evangelho marcano, sendo a transcrição de testemunhos produzidos por muitas testemunhas, é um texto performático ilocucionário. Sua composição é destinada à atuação na audiência, ao levar esta a agir conforme ele.

Ainda, podemos atribuir qualidade performativa ao Evangelho de Marcos a partir das contribuições da Análise da Narrativa (PRINCE, 2003, p. 71; MARGUERAT, BOURQUIN, 2009, p. 65-67). Sendo o herói e protagonista do relato marcano, o personagem Jesus de Nazaré executa uma *performance* que o conduz do batismo no Jordão até a ressurreição em Jerusalém e o

retorno para a Galileia. Nesse percurso, aquilo que é declarado acerca dele no batismo na Galileia (“Tu és meu Filho amado”; 1:11) é cumprido ou realizado no retorno ressurreto para a Galileia: ele se torna o Filho de Deus (15:39). O texto marcano é o relato sobre como essa competência foi adquirida no decorrer da história de Jesus. Esta é a constatação a partir do testemunho de muitas testemunhas que colaboram para a realização da *performance* do Evangelho. Desse modo, cada testemunho realiza uma *microperformance* que contribui para o entendimento da *macroperformance* do Evangelho.

Dizer que o Evangelho de Marcos é *performável* ou *performativo* significa que ele é composto de tal modo a fazer sobressair as qualidades orais do texto escrito para cumprir as condições necessárias a sua transmissão em um ambiente marcado pela oralidade. Também significa que seu texto retém as qualidades performáticas de uma obra destinada propositalmente à execução oral e direta perante uma audiência que o ouve mesmo enquanto o lê. A execução da sua *performance* não está na leitura privada e isolada de pessoas letradas, mas em ambientes públicos e de uma audiência que quer se ver reconhecida e identificada enquanto a execução tem lugar. Nessa intenção, ele cumpre o papel do *performer* que realiza o acontecimento previsto na obra quando o traz à existência pela sua experimentação perante uma audiência. Sendo testemunho transcrito das testemunhas, espera-se que a *performance* delas tenha lugar e voz na execução do texto marcano, de modo que a realidade viva e vivida por elas seja reconhecida toda vez que o Evangelho for executado.

Essa performatividade do Evangelho de Marcos vai além para constituir a narrativa do caminho percorrido por Jesus de Nazaré desde o batismo até a ressurreição, quando é consumada a identidade de Filho de Deus: aquilo que é antecipado agora é realizado ao seu fim. Cada testemunho é um indicativo dessa caminhada de Jesus nazareno para a consumação de sua identidade messiânica derradeira e plena.

Portanto, pode-se ver o texto marcano como uma celebração memorável de Jesus nazareno, executada por seus seguidores, toda vez que ele era lido oralmente, vez após vez, para uma audiência. Horsley pleiteia que:

Em suma, o Evangelho de Marcos não foi um bom candidato a se tornar escritura conforme os modelos e padrões prevalecentes nos círculos judaicos dos escribas ou intelectuais greco-romanos. Como história sobre um líder profético popular de um movimento de renovação entre pessoas comuns na Galileia, evidentemente ele foi regularmente representado oralmente entre outras comunidades de povos comuns em um raio cada vez mais amplo. [...] Com forte repercussão entre a população, essas histórias de pessoas comuns foram também eventualmente reconhecidas pela emergente hierarquia da Igreja estabelecida como integrante do cânon do Novo Testamento (2010, p. 110).

4.3 O estudo dos personagens principais e secundários

Um outro modo de penetrar no conjunto das testemunhas da narrativa marcana é estudando a caracterização dos seus personagens. Elizabeth S. Malbon (1994) divide o agrupamento de personagens em dois: personagens principais (*major characters*) e personagens secundários (*minor characters*). Os personagens principais são: os Doze discípulos, como seguidores falíveis de Jesus, e os líderes religiosos, como seus adversários. Os personagens secundários são todos aqueles que aparecem no *continuum* da narrativa sem uma presença costumeira e ininterrupta. Paradoxalmente, são estes personagens que dão a sequência necessária à narrativa permitindo a sua evolução.

Eles, ao lado dos personagens principais, estendem o *continuum* das respostas potenciais a Jesus em um modo ilimitado, provendo comparações e contrastes, implícitos para a narrativa, com as respostas dos personagens continuados e costumeiros, e oferecem uma ponte desde os personagens (internos) para a audiência implícita (limítrofe) [, ...] onde a audiência implícita deve fazer uma pausa, refletir e conectar (MALBON, 1994, p. 61).

Os personagens secundários funcionam como exemplares ou modelos para a audiência implícita. Todavia, antes de serem feitos exemplares na narrativa, eles foram testemunhas dos acontecimentos. Logo, eles fornecem a evidência para o que está testemunhado na narrativa. Na primeira seção marcana (1:1-8:21), eles exemplificam e testificam o tipo de fé necessária para a recepção das curas e libertações de Jesus nazareno. Na seção intermediária (8:22-10:52), eles exemplificam e testificam os modos de seguimento de Jesus. Na seção final (11:1-16:8), eles exemplificam e testificam o sofrimento do Messias como observadores dos acontecimentos.

Destarte, é possível fazer a conexão entre o personagem-exemplar para a narrativa e a personagem-testemunha para a história. A mesma pessoa desempenha as duas funções, de exemplar e de testemunha. Ela é testemunha enquanto foi afetada pela ação de Jesus de Nazaré na sequência de eventos da sua atividade entre a Galileia e proximidades. Aparecendo em cenários diferentes na narrativa, as testemunhas vão sustentando um retrato coerente de Jesus, ao mesmo tempo em que vão ligando suas ações ao desenlace da narrativa. Elas constroem e apoiam a tradição oral, que também vai se estabelecendo como tradição escrita. Assim, o que os personagens-exemplares são para a narrativa, eles também o são como as personagens-testemunhas para a história.

4.4 As tradições orais e escritas no Evangelho marcano

Mais um modo de acessar o conjunto de testemunhas marcanas é examinando as tradições jesuânicas, que circularam por bom tempo antes que fossem transcritas para compor os textos evangélicos. As formas específicas

dessas tradições são testemunhadas em três fontes escritas, com enorme representação da oralidade (THEISSEN, 2007).

As tradições dos carismáticos itinerantes foram uma delas. Elas foram transcritas para uma forma pré-literária, de caráter profético, composta na forma de ditos sapienciais chamados de *Logia* ou *Quelle*, ou somente *Q*. Gerd Theissen sugere que as testemunhas que ali falam “são a garantia de que suas palavras (de Jesus) permaneceram guardadas em suas mentes. Eles eram os verdadeiros transmissores do novo movimento. Podem ser comprovados ainda por muito tempo no ambiente siro-palestinense” (2007, p. 32).

Outra tradição de testemunhas foi a das congregações seguidoras de Jesus fixadas localmente. Uma delas, situada em Jerusalém, produziu o texto oral, mais tarde escrito, do relato da Paixão (Mc 14:1-16:8). Outra, assentada no sul da Palestina, forneceu o relato escatológico-apocalíptico (Mc 13). Outros textos advêm de vários agrupamentos de seguidores de Jesus nazareno, localmente apropriados e conservados.

A esta última pode ser somada uma terceira tradição de testemunhas diversas entre o povo comum, que reteve alguma reminiscência oral das ações de Jesus. Theissen presume que o caráter peculiarmente milagroso e sobrenatural, presente nas diversas histórias de milagres e exorcismos, e também resumido nos sumários e apotegmas marcanos (1:32-34; 3:7-12; 6:53-56; 8:1), foi retido não somente pelas congregações seguidoras, mas também pelo povo em geral, que inseriu suas crenças messiânicas a fim de identificar Jesus nazareno com o aguardado personagem messiânico. Marcos recolhe e incorpora esses testemunhos a seu texto, reorientando-os conforme a decisão de Jesus de Nazaré em entregar-se à morte como a consequência de sua atividade de cura e libertação das pessoas.

Theissen conclui que:

Portanto, após sua morte, a tradição sobre Jesus foi transmitida dentro de três contextos sociais: como tradição dos discípulos, das comunidades e do povo. Não devemos imaginar estes grupos como estanques. O que era transmitido ao povo também era contado entre os adeptos. O que se contava entre os adeptos sedentários de Jesus era conhecido também pelos carismáticos itinerantes. O núcleo de sua doutrina foi transmitido pelos carismáticos itinerantes do cristianismo primitivo, cuja tradição foi fixada na fonte dos ditos, ao passo que a tradição da comunidade e do povo só veio a fixar-se uma geração mais tarde, no Evangelho de Marcos (2007, p. 37).

4.5 A audiência implícita e real

Uma maneira derradeira de abordar o agrupamento de testemunhas no texto marcano é reconstruindo sua audiência implícita e real (PRINCE,

2003, p. 43; MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 26-27). A audiência implícita é construída pelo texto. Ela está dentro dele. Está em condições de interagir com o texto, de modo a posicionar-se a seu lado a fim de compreendê-lo. A audiência real é autônoma perante o texto. Ela está fora dele. Representa o público destinatário do texto e pode ser reconstituída, a partir dele, com alguma dose de verossimilhança. Seu acesso ao texto se dá por meio da interpretação, onde busca se colocar o máximo possível em acordo com a audiência implícita.

A audiência implícita do Evangelho de Marcos é disposta na medida em que o autor implícito enfileira uma sequência de testemunhos que, por sua vez, edifica a identidade para Jesus nazareno. Enquanto as testemunhas sabiam apenas daquilo que podiam testemunhar, a audiência implícita, que tem acesso à totalidade do testemunho, constitui a testemunha privilegiada do caminho realizado por Jesus do batismo até a identificação do Messias Filho de Deus (MARGUERAT; BOURQUIN, 2009, p. 167).

A audiência real deve ser buscada entre os destinatários e possíveis receptores do Evangelho de Marcos. As duas teorias mais tradicionais colocam a audiência marcana na cidade imperial de Roma, ou na cidade de Cesária. As duas cidades estariam vinculadas à atividade evangelizadora do apóstolo Pedro (ELLIS, 1999, p. 368, 369).

Entretanto, teorias não tão tradicionais foram sugeridas recentemente. Elas apresentam um quadro diverso do anterior, e muito mais interessante do ponto de vista da audiência real do Evangelho marcano. Uma delas localiza-a na região rural sírio-galileia, em meio à população camponesa das vilas e pequenas cidades. Nesta, o Evangelho foi escrito para fortalecer a autocompreensão das congregações cristãs, cujos indivíduos eram desprezados, rejeitados e mantidos à margem na estrutura social, política e religiosa da sociedade palestinese estratificada (ROHRBAUGH, 1993).

A outra situa-a nas cidades helenísticas fronteiriças ao território galileu, por volta da eclosão das guerras judaicas, em meados dos anos 60. O Evangelho foi composto visando prover uma resposta cristã para os movimentos revolucionários judaicos, de caráter messiânico, que promoviam uma separação radical entre o que era judeu e o que não era, forçando as comunidades mistas, como a marcana, à fuga e ao exílio (MARCUS, 1992).

Essas duas últimas hipóteses assemelham bastante a audiência real e a audiência implícita. Seja pela força cultural da oralidade, seja pela identificação imediata de ambas na mesma configuração social, seja pela eficácia que o testemunho tem em meio às mesmas condições de vida.

Uma similitude está na ausência do letramento, e a confiança firme na comunicação oral como lugar adequado da transmissão do conhecimento e da informação. Assim, mesmo sendo uma pessoa letrada, o autor leva

em consideração não somente o fato de a maioria dos seus ouvintes serem iletrados, mas preferirem ouvir a ler. A transcrição dos testemunhos, e seu posterior registro no Evangelho, é feito de forma a favorecer a leitura oral, em alta voz, ao mesmo tempo em que estimula a repetição através de memorização.

Outra correlação consiste na configuração social de ambas as audiências (ROHRBAUGH, 1993, p. 390). Como toda obra literária, a audiência implícita da narrativa marcana é uma reprodução em microescala da audiência real que, por sua vez, reflete a sociedade maior na qual está inserida. A audiência real seria formada por indivíduos oriundos de agrupamentos de degradados, impuros e dispensáveis, para qual o Evangelho seria, realmente, uma Boa-nova. Deve-se adicionar a esses grupos os habitantes das áreas rurais, que chegariam ao montante de noventa por cento da população em geral. Estes viviam do plantio e da extração, e exerciam funções como pequenos proprietários de terra, arrendatários, trabalhadores diaristas, escravos, ou grupos não ligados à terra, como pescadores, artesãos e artífices, trabalhadores itinerantes, e as multidões que seguiam a Jesus. A correspondência entre a configuração social das testemunhas e a configuração social da população sírio-galileia facilita a identificação mútua e, então, a confiança no testemunho das testemunhas marcanas. De acordo com Rohrbaugh: O modo particular de Marcos contar sua história implica um grupo de leitores que celebravam as vitórias do fraco e as derrotas do forte, e que se viram espelhados nos personagens da história e dos eventos que os subjugarão nos dramas de suas próprias vidas (1993, p. 393).

Uma última conformidade, não menos crucial, diz respeito ao modo de vida dos habitantes das vilas e aldeias do interior da Síria-Galileia, e a situação de intermitente conflito e hostilidade com partidos judeus e autoridades gentílicas. Incapazes de se adaptarem aos elementos da vida religiosa judeiana, de Jerusalém e do Templo, essa população formou para si uma tradição religiosa na qual se sentiam mais à vontade na prática daquilo que pertencia a Deus.

As congregações receptoras do Evangelho de Marcos desenvolveram certos elementos dessa pequena tradição para justificar seu modo de vida e sua fé em Jesus nazareno perante as acusações de servidores e funcionários das elites e autoridades urbanas ao redor. Portanto, o relato marcano tanto identifica Jesus e a comunidade com certa interpretação da vida religiosa judaica, como com certo modo de vida social do interior palestinese (ROHRBAUGH, 1993, p. 392).

Nesse contexto, as congregações de discípulos eram chamadas a servir de testemunhas da confissão de Jesus como o Messias Filho de Deus, e a apresentar as evidências para esse testemunho. Com o passar do tempo, e com o aumento das hostilidades dos partidos judeus e dos conflitos com

as autoridades gentílicas, alguns de seus representantes foram convocados perante sinédrios e sinagogas, governadores e reis, sendo açoitados, denunciados e traídos por seus familiares. Longe de uma visão negativa, o testemunho marca o ânimo a ver, sob essas circunstâncias, um espaço de possibilidade para o testemunho de Jesus que deve ser conhecido pela pregação do Evangelho a todos, inclusive os gentios (Mc 13:9-13).

Conclusão

No texto marcado, os testemunhos exercem a importante função de tornar público, ou dar publicidade, a Jesus. Isso pode ser entendido de várias maneiras. Os testemunhos cumprem a função de vulgarizar, no intuito de generalizar e tornar comum a pessoa de Jesus, de modo que, quanto mais e mais pessoas partilhem da mesma informação e conhecimento sobre ele, tanto mais popular ele se torna. Os testemunhos visam tornar Jesus acessível, dando livre, desimpedida e franqueada aproximação, estimulando as pessoas a procurá-lo onde quer que ele esteja ou vá. Os testemunhos são dados em toda a parte, mas objetivam uma determinada parcela da população sírio-galileia, constituindo uma plateia ou público-alvo que eles almejam alcançar, mobilizando-a para procurar e seguir a Jesus.

Desse modo, os testemunhos são o modo de colocar Jesus em contato com determinado povo, mobilizá-lo para que este o procure, e criar uma movimentação pública ao redor da pessoa de Jesus. Em outras palavras, gerar fama, popularidade, notoriedade, criando uma reputação, um nome, uma imagem digna de crédito para ele. Ao fazer isso, buscam afastar sua imagem dos boatos, ruídos, rumores, falatórios e mentiras que possam descaracterizar sua reputação perante a audiência a ser alcançada.

Em nosso estudo, questionamos a grande limitação à narrativa marcada ao submetê-la unicamente ao exame da testemunha ocular, autorizada ou oficializada, provido pelo entendimento bauckhamiano. Ao contrário, insistimos na evidência interna de que o Evangelho de Marcos deixa perceber um ambiente bastante conflituoso, no qual o testemunho funciona como evidência judicial e portador da verdade, no qual as ações de Jesus e seus seguidores servem de testemunha para a condenação dos adversários impenitentes. Confirmamos isso no testemunho apostólico, que acusa a rejeição ao arrependimento e fé no Ungido Jesus de Nazaré, que traz o tempo da oportunidade na oferta do Reinado de Deus, da era nova, da Era do Espírito. Ele está inteiramente associado à missão de Jesus: “foi Jesus para a Galileia, pregando o evangelho de Deus” (Mc 1:14). Tempos depois, ele apontou (*epoiēsín*) doze dos discípulos “para estarem com ele e para os enviar a pregar (*apostellē ... kēryssein*) e a exercer a autoridade de expelir (*eksousian ekballein*) demônios” (Mc 3:14, 15).

Também, demonstramos que o Evangelho de Marcos recolhe a memória popular, não oficial nem autorizada, das tradições orais e escritas de Jesus nazareno. Indicamos vários modos pelos quais adentrar o texto marciano para acessar o complexo de testemunhas reunidas em sua narrativa. Seus testemunhos não estão vinculados ao testemunho apostólico em ambiente formalmente judicial. Tanto em seus casos episódicos, quanto nos resumos gerais desses casos, eles funcionam como testemunhos informais do Ungido e sua missão. Os testemunhos são pessoais e privados, circunstanciais e oferecidos, espontaneamente, ao juízo de uma audiência pública.

As propostas apresentadas estimulam a continuidade dos estudos da oralidade e da transmissão das tradições orais e escritas por trás do Evangelho marciano. Ainda, contribuem para maior conhecimento das congregações jesuânicas sírio-galileias, e da própria identidade messiânica de Jesus nazareno. Deixamos essa tarefa inconclusa, apenas sinalizada, aguardando que a sua realização nos ofereça um quadro diferenciado sobre o Evangelho de Marcos como um Livro de Testemunhas.

Referências

ARISTÓTELES. *Retórica*. 2.ed. Lisboa: Imprensa Nacional, 2005.

AUSTIN, J. L. *Quando dizer é fazer*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

BAUCKHAM, R. *Jesus e as testemunhas oculares: os Evangelhos como testemunhos de testemunhas oculares*. São Paulo: Paulinas, 2011.

BERGER, K. *As formas literárias do Novo Testamento*. São Paulo: Loyola, 1998.

BYRSKOG, S. *Jesus the Only Teacher: Didactic Authority and Transmission in Ancient Israel, Ancient Judaism and the Matthean Community*. Stockholm: Almqvist & Wiksell, 1994.

_____. *Story as History – History as Story: the Gospel Tradition in the Context of the Ancient Oral History*. Leiden: Brill, 2002.

DEWEY, J. The Gospel of Mark as an Oral-Aural Event: Implications for Interpretation. In: MCNIGHT, E. V.; MALBON, E. S. (Ed.) *The New Literary Criticism and the New Testament*. Valley Forge: Trinity Press, 1994. p. 145-163.

DUNN, J. D. G. *Jesus Remembered*. Grand Rapids: Eerdmans, 2003.

_____. *The Oral Gospel Tradition*. Cambridge: Eerdmans, 2013.

ELLIS, E. E.. *The Making of the New Testament Documents*. Leiden: Brill, 1999.

HEAD, P. M. The role of eyewitnesses in the formation of the gospel tradition. A review article of Samuel Byrskog, story as history – history as story. *Tyndale Bulletin*, Cambridge, v. 52, n. 2, p. 75-294, 2001.

HORSLEY, R. A. Oral and Written Aspects of the Emergence of the Gospel of Mark as Scripture. *Oral Tradition*, Columbia, v. 25, n. 1, p. 93-114, march 2010.

- LASOR, W. S. *Gramática Sintática do Grego do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1986.
- MALBON, E. S. The Major Importance of the Minor Characters in Mark. In: MCNIGHT, E. V.; MALBON, E. S. (Ed.) *The New Literary Criticism and the New Testament*. Valley Forge: Trinity Press, 1994. p. 59-86.
- MARCUS, J. The Jewish War and *Sitz im Leben* of Mark. *Journal of Biblical Literature*, Atlanta, v. 111, n. 3, p. 441-462, autumn 1992.
- MARGUERAT, D.; BOURQUIN, Y. *Para ler as Narrativas Bíblicas: iniciação à análise narrativa*. São Leopoldo: Sinodal, 2009.
- MEMORABLE. In: MURRAY, J. et al. (Ed.). *The Oxford English Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1933, v. VI. p. 328-332.
- PERFORMABLE. In: MURRAY, J. et al. (Ed.). *The Oxford English Dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1933, v. VI. p. 688-689.
- PRINCE, G. *Dictionary of Narratology*. Revised Edition. Nebraska: Nebraska Press, 2003.
- ROHRBAUGH, R. L. The Social Location of the Markan Audience. *Interpretation*, Richmond, v. 47, n. 4, p. 380-395, october 1993.
- THEISSEN, G. *O Novo Testamento*. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.
- TRITES, A. A. The Idea of Witness in the Synoptic Gospels. Some Juridical Considerations. *Themelios*, n. 5, p. 18-26, 1968. Disponível em: <https://biblicalstudies.org.uk/pdf/ifes/5-3_trites.pdf>. Acesso em: 11 mai. 2018.
- _____. *The New Testament Concepts of Witness*. Cambridge: Cambridge University Press, 2004.

Artigo submetido em 01.12.2017 e aprovado em 02.04.2018.

Sidney Moraes Sanches é doutor em Teologia pela Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia, Belo Horizonte (2006) e professor colaborador da Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia. Orcid.org/0000-0002-2161-6598. E-mail: sidney@sabercriativo.com.br

Endereço: R. Frei José de Monte Carmelo, 460
Jardim Primavera
13026-461 Campinas – SP